



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS – CAMPUS VI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

BRUNA ISABEL NUNES NEVES

A DOR DE AMAR EM “OLHOS NOS OLHOS”, “ATRÁS DA PORTA”, “PEDAÇO DE MIM” E “TROCANDO EM MIÚDOS” DE CHICO BUARQUE DE HOLANDA

**MONTEIRO
2017**

BRUNA ISABEL NUNES NEVES

A DOR DE AMAR EM “OLHOS NOS OLHOS”, “ATRÁS DA PORTA”, “PEDAÇO DE MIM” E “TROCANDO EM MIÚDOS” DE CHICO BUARQUE DE HOLANDA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras – Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura Brasileira

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva

**MONTEIRO
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N511d Neves, Bruna Isabel Nunes.

A dor de amar em "*Olhos nos Olhos*", "*Atrás da Porta*", "*Pedacinho de Mim*" e "*Trocando em Miúdos*" de Chico Buarque de Holanda [manuscrito] : / Bruna Isabel Nunes Neves. - 2017.
29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Dor de amar. 2. Letra de música. 3. Chico Buarque de Holanda .

21. ed. CDD 780.263

BRUNA ISABEL NUNES NEVES

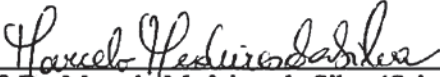
A DOR DE AMAR EM “OLHOS NOS OLHOS”, “ATRÁS DA PORTA”, “PEDAÇO DE MIM” E “TROCANDO EM MIÚDOS” DE CHICO BUARQUE DE HOLANDA

Artigo apresentado ao Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura Brasileira

Aprovada em: 32/12/2017

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ma. Joana Dar'k Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Especialista Josefa Adriana Gregório de Souza (UEPB)

Para minha mãe, por toda paciência, dedicação e amor,
e Marcelo Medeiros por não ter desistido de mim,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Sempre e inúmeras vezes, a minha mãe, Silvana Nunes, por ter ajudado, da forma que podia, a vida inteira, ensinando sobre valores e força de vontade, para que o mundo não me devorasse e que eu soubesse sobreviver.

Ao Professor Doutor Marcelo Medeiros Silva, por não ter desistido de mim, suportando e me segurando pela mão esse período que fiquei presa a essas linhas sem conseguir produzir, todo amor e gratidão, nada disso aconteceria sem ele.

À minha avó materna, Socorro, minha irmã, Thaís e meu padastro, Ricardo Batinga, que foram minha ponte entre Olinda – Monteiro esse final de percurso, para que esse projeto acontecesse.

À Tomas Patriota, por tudo que foi e é. Por nossa vida que engatinha e tenta se fortalecer em meio a tempestade que sou, sendo ele calmaria. À Janine Nascimento, um anjo que foi colocado em minha vida, por seu amor para comigo.

Aos professores Joana Dar’k, Adriana Gregório, Ivan Barbosa e Luciano Albino, pelos debates, incentivos, instruções, risadas e por agora me acompanharem também na reta final, por acreditarem, lembro de vocês e os levo comigo com todo amor do mundo.

À minha companheira de turma, de sala, amiga, irmã, companheira de sofrimento, de felicidade, que me ajudou toda hora, sempre, uma das pessoas mais determinadas e inteligentes que conheci, por quem tenho toda admiração e respeito, professora Ana Flávia da Silva Oliveira.

E por fim, mas não menos importante, a minha irmã de alma, que entendia de mim mas do que eu mesma e que sei que de onde estiver me ver agora e comemora essa vitória, consegui terminar esse ciclo, Renata Oliveira da Silva, por nossas dores de amar, por morrer mil vezes por amor e tentar-nos manter viva, pôr as dores que carregamos durante tanto tempo uma da outra. Onde você estiver, EU TE AMO.

À Nuvem, é bom morrer de amor e continuar vivendo, aqui vai o resultado.

Gratidão, gratidão e gratidão, a todos. Amo vocês.

“Se entornaste a nossa sorte pelo chão
Se na bagunça do teu coração
Meu sangue errou de veia e se perdeu”

Chico Buarque de Holanda

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	DO AMOR E DA DOR DE AMAR: FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....	09
2.1	A dor de amar em quatro canções de Chico Buarque: uma leitura psicanalítica	15
3	CONCLUSÃO	23
	REFERÊNCIAS	25

A DOR DE AMAR EM “OLHOS NOS OLHOS”, “ATRÁS DA PORTA”, “PEDAÇO DE MIM” E “TROCANDO EM MIÚDOS” DE CHICO BUARQUE DE HOLANDA

Bruna Isabel Nunes Neves¹

RESUMO

O estudo em questão é uma análise de quatro letras de música escritas por Chico Buarque de Holanda, a saber: “Olhos nos olhos”, “Atrás da porta”, “Pedaço de mim” e “Trocando em miúdos”. À luz dos estudos psicanalíticos, mais especificamente de Juan-David Násio e Igor Caruso, procuraremos analisar, no *corpus* referido, o consórcio entre dor e amor. O nosso trabalho insere-se no rol de pesquisas de natureza explicativa e bibliográfica. A análise do *corpus* segue a linha da pesquisa explicativa. Os resultados apontam para o fato de que amor e dor constituem pares complementares para os sujeitos líricos femininos das letras de música em questão e sinalizam para a posição e resultado que essa dor de amar causa em cada um desses eus líricos, resultando em ações e comportamentos distintos entre eles diante do mesmo evento: a perda do objeto amado.

Palavras-Chave: Dor de Amar. Letra de Música. Chico Buarque

1 INTRODUÇÃO

Considerando as variadas manifestações artísticas existentes no meio em que vivemos, é possível destacar a música como um manifesto consideravelmente expressivo, tendo em vista que atinge a maioria das classes sociais. Através dessa arte, o eu lírico pode se expressar contra, ou a favor, de qualquer sentimento/manifestação que o esteja incomodando e vai caber ao ouvinte aceitar, concordar e popularizar esse tipo de manifesto. Essa expressão cultural vem como uma forma de traduzir sonhos, desejos e os dilemas vividos em cada época da sociedade, como exemplo temos os registros de músicas da época da ditadura, que, para burlar a ordem do discurso ditatorial, vinham carregadas de duplo sentidos e de marcas do sofrimento enfrentado pelos artistas nessa época de limitações. A música brasileira tem grande destaque em todo mundo pela sua diversidade e constante capacidade de se recriar dentro dos seus já existentes ritmos, sendo considerado por alguns como a “grande usina sonora do planeta” na qual não só se escuta, mas se vive e se sente a música.

¹ Aluna de Graduação em Letras – Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus VI.
Email: nunes.bruna88@gmail.com

Nesse cenário, Chico Buarque de Holanda é um dos nomes de maior destaque quando se trata de música para *viver e sentir*. Com sua vasta obra musical, é um compositor, escritor e cantor de maior destaque dentro do cenário literário e musical brasileiro, sendo reconhecido tanto nacional como internacionalmente. Se fez poeta e se popularizou a partir de suas produções. No II Festival de Música Popular Brasileira de 1966, ganhou popularidade por sua música “A Banda”, interpretada por Nara Leão, que conseguiu o primeiro lugar. Teve destaque na era do tropicalismo² por gerar polêmica com suas músicas e ir contra a ideia inicial do movimento. Sua obra rompeu fronteiras e limites, ecoando em vários outros países e mostrando a riqueza que é produzida no Brasil.

É válido ressaltar o destaque das infindas possibilidades de estudo no cancioneiro buarquiano, sua obra se destaca desde canções de duplo sentido como forma de representação para a época vivida pelo autor, que foi exilado na ditadura e tem uma representação significativa na história política do Brasil, até a representatividade do seu eu feminino presente em composições cujo eu lírico são mulheres que vão além do seu tempo e se manifestam diante das traições e agressões dos seus maridos. Conhecido como poeta muito além do seu tempo, Chico Buarque deu voz e vez aos que estavam à margem tanto da política como da poesia vigente.

Dentro do cancioneiro de Chico Buarque, o que nos chamou atenção foram as canções de cunho lírico-amoroso dentre as quais, mais especificamente, aquelas em que a temática do abandono se faz presente. A sensibilidade do poeta/cantor em escrever aquilo que se sente durante essa ação do abandono é o que mais chama atenção quando falamos de músicas românticas. O autor escreve como se conhecesse cada ouvinte de sua obra, como se conhecesse profundamente onde aquela dor incomoda e é sentida. O ouvinte/leitor, por sua vez, sente como se “aquilo” fosse escrito exatamente para ele. São notórias as críticas e expressões que o público do cantor exprime ao se encontrar e sentir representado em suas canções com temáticas de sofrimento e despedida. Chico Buarque expressa, em suas letras de música, a sensação do ouvinte diante do abandono, da perda do ser que é amado.

É, portanto, a dor ante a perda do ser amado o tema que nos chama a atenção no cancioneiro lírico amoroso de Chico Buarque e que elegemos como objeto de estudo do

² Tropicália, Tropicalismo ou Movimento tropicalista foi um movimento cultural brasileiro que surgiu sob a influência das correntes artísticas da vanguarda e da cultura pop nacional e estrangeira (como o rock 'n roll e o concretismo); misturou manifestações tradicionais da cultura brasileira a inovações estéticas radicais. Tinha objetivos comportamentais, que encontraram eco em boa parte da sociedade, sob a ditadura militar, no final da década de 60. O movimento manifestou-se principalmente na música (fonte Wikipedia)

presente trabalho. Para tanto, tentaremos mostrar como se configura o exercício da dor de amar em algumas canções escritas pelo referido compositor. Mais especificamente, tomamos como corpus as seguintes letras de música: “Olhos nos olhos” (1976), “Atrás da porta” (1972), “Pedaço de mim” (1978) e “Trocando em miúdos” (1978). Para analisar o consórcio entre canção, dor e amor, pautaremos nossas reflexões nos estudos de Juan-David Násio, Igor Caruso e Marina Colasanti. Por fim, reiteremos que existe um aspecto que não pode deixar de ser escamoteado por todo aquele que deseje estudar a obra de Chico Buarque de Holanda: o fato de o amor constituir-se em um verdadeiro *leitmotiv* de maneira que, Chico Buarque fez de sua obra um espaço de representação das artes de amar.

A nossa pesquisa encaixa-se na área de ciências humanas, dentro da subárea de literatura brasileira, e insere-se no rol de pesquisas de natureza explicativa e bibliográfica. Para sua realização foi feito um levantamento bibliográfico dos Cd’s musicais do autor, a partir desses foram selecionadas algumas músicas específicas em que abordam a temática do trabalho. A análise segue a linha da pesquisa explicativa, quando será feito um estudo das canções para poder explicar o que, na óptica de Chico Buarque, ocasiona essa dor de amar, quais as consequências que o ser que ama sofre diante do abandono do outro do seu afeto, quais os fenômenos que envolvem o sofrimento do eu lírico em todo o decorrer das canções e, por fim, esclarecer qual o comportamento do eu poético depois desse abandono, como ele se comporta durante e depois dessa ação das perdas amorosas.

2. DO AMOR E DA DOR DE AMAR: FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Por amor chegamos a todos os extremos e variantes. Conhecemos o mais profundo do ser humano. Tornamo-nos iguais e mais confiantes. No amor se transforma e se é transformado. Aliás, já o afirmara em um de seus poemas Luís Vaz de Camões: “Transforma-se o amador na cousa amada,/por virtude do muito imaginar;/não tenho logo mais que desejar,/ pois em mim tenho a parte desejada”. O amor iguala e unifica, seja o amor a dois, por grupos ou coisas. Acerca do amor, afirma Colasanti (1984):

Basicamente, podemos dizer que se trate de um sentimento de bem-querer intenso, com intenção sexual, voltado para outra pessoa. E uma das nossas tendências imediatas costuma ser colocá-lo, numa escala de intensidade, entre o afeto e a paixão. Teríamos então um mesmo sentimento, que, brando para o afeto, iria aumentando até chegar às ardências do amor e alcançar seu

pique mais explosivo na paixão. Algo como um só botão e três termostatos (COLASANTI, 1984, p. 16).

Na fase do amor, a pessoa dá sempre o melhor de si. Em se pensando no amor de forma geral, como essa força que procura, eroticamente, unir duas pessoas, podemos ilustrá-lo a partir das seguintes palavras de Colasanti (1984);

Ele diz: Eu te amo. E o que a gente ouve não é: “Eu te amo tanto quanto posso dentro das limitações dessa relação e desse meu momento de vida, dentro das minhas próprias limitações, dos meus medos e dos meus fechamentos.” A gente ouve: “Eu te amo totalmente, para sempre, sem que nada, antes ou depois do nosso encontro, supere esse sentimento.” (COLASANTI, 1984, p. 31).

O ser humano ao longo dos tempos tentou desenvolver inúmeras teorias para tentar achar uma explicação sobre o amor e suas vertentes. Quando não, inúmeras foram as formas como a sociedade procurou disciplinar os corpos dos indivíduos, ditando-lhes formas de viver a experiência amorosa a partir de, na maioria das vezes, princípios morais e religiosos de maneira que:

À mulher o amor é ensinado, desde o primeiro entendimento, como sendo o coroamento da vida. Ela cresce em preparação constante para o momento em que um amor - leia-se um homem apaixonado - entrará em sua vida. Para isso adquire uma série de conhecimentos específicos, destinados não só a abrigar aconchegadamente esse amor -[...] - mas a mantê-lo e renová-lo. [...]. Para os homens o amor é ensinado como sendo a capitulação, a entrega de quem, embora tendo resistido muito, acaba perdendo as forças e caindo na armadilha.[...]. Para percebermos ainda mais claramente essa diferença, basta lembrar as festas com que se comemora o fim da vida de solteiro. As moças fazem um chá-de-panela em que as amigas, geralmente na casa de uma delas, trazem de presente para a noiva vassouras, panos de pó, panelas. Ou seja, uma festa voltada para o futuro, já projetada para o lar que se arma, e em que os presentes são símbolos do doméstico, do "dali para a frente". Comemora-se, pois, uma coisa auspiciosa. No caso dos rapazes a cerimônia de adeus costumava ser nos bordéis. Hoje em dia acontece em bares, ou em casa de um dos amigos. Mas é sempre uma festa de bebedeira, que beira a violência, em que o noivo deve se embriagar ao máximo para aproveitar os "últimos momentos de liberdade", o ocaso da inconsequência. É uma festa voltada para o passado, e como tal repete o modelo de tantas outras de que o noivo já participou. É muito mais uma festa de despedida do que uma comemoração de entrada em novo status social. (COLASANTI, 1984, p. 24).

Entretanto, para além desse idílio amoroso, sabemos que os sujeitos que amam passam por decepções e o que deveria ser fonte de alegria se torna palco de dores. Aliás, já constataria Freud que “nunca estamos tão mal protegidos contra o sofrimento como quando amamos, nunca estamos tão irremediavelmente infelizes como quando perdemos a pessoa amada ou o

seu amor” (*apud* NASIO, 2007, p. 34). Nas palavras de Silva (2013), esse sofrimento é decorrente do fato de que:

[...] a dor de amar, espécie de dilaceramento da alma, [ser] uma dor traumática advinda da ruptura do laço que nos liga àquele que elegemos como centro de nosso desejo, provocando o desordenamento de nossas tensões pulsionais e tornando inoperante o princípio do prazer ao qual escapam as variações extremas de tensão inconsciente. No entanto, ao mesmo tempo em que é desencadeada por uma perda, a dor é também uma reação contra o desaparecimento do ser amado (SILVA, 2013, p. 196).

As consequências das dores provocadas pela dor de amar é um sentimento que norteia nossa vida há tanto tempo, é o enigma que sonda nossa existência. Entretanto, não torna menor a importância do amor. Na filosofia, religião, psicanálise, astros e esoterismo, variadas são os conceitos que circulam a respeito da mesma temática. O amar habita a condição humana em todas as suas possibilidades mais prazerosas sendo também o sentimento que leva ao desespero mais profundo.

Temos fome e se podemos comer, a fome desaparece. Temos sede e se podemos beber, cessamos de ter sede. Temos sono e se dormimos despertamos dispostos. Assim repousados, saciados, despertados, não pensamos mais em comer, beber, ou dormir, até que a necessidade de novo renasça. Mas a necessidade de amar é de uma tenacidade diferente. Parece uma sede que ninguém poderá satisfazer totalmente, nem mesmo pela posse física (BONAPARTE, *apud* SANT’ANNA, 1993, p. 07).

Arriscamos a dizer que talvez não aconteça maior êxtase do que o proporcionado por esse estado de sentimento. Talvez por isso, Rougemont (2003, p. 62) afirme que:

o ardor amoroso, espontâneo, vitorioso e não-combatido é, por essência, efêmero. É uma chama que não pode sobreviver ao brilho de sua consumação. Mas a sua ardência permanece inesquecível, e é precisamente ela que os amantes desejam prolongar e renovar ao infinito.

O contrário do amor, sem dúvida, é a dor. Parece não ter miséria mais profunda do que a sentida na fase de dor de amor que é fruto de uma separação física ou simbólica. Nas palavras de Caruso (1989, p. 19), podemos dizer que:

[...] a separação significa a eclosão da morte na consciência humana, não de forma ‘figurada’, mas de modo concreto e literal. A separação pode tornar-se um ‘escândalo’ maior do que aquele provocado pela morte física: para

garantir a sobrevivência, provoca-se a morte na consciência de um ser vivo dentro de outro ser vivo.

Trabalhar a perda do objeto amado de forma real nós levaria a “matar” o eleito dentro de nós. Além de aceitar que morremos no outro, temos que trabalhar a morte (simbólica e psíquica) dele para que assim possamos ver o final da relação como uma real e total ruptura. Esse processo de “morte” do ser a que se destinou amor, segundo Caruso (1989), é o processo necessário e importante para a evolução e passagem do processo de despedida. Assim como Násio, Caruso vê a necessidade de expelir, tornar a dor como algo real e concreto, para assim se trabalhar e tratar. A dor vista como um processo do amor.

De acordo com Násio, a dor de amar configura-se como uma prova que o indivíduo tem que passar na vida e que consiste na separação entre nós e o ser amado, ou entre nós e um objeto de muito desejo, uma coisa de valor, algo que nos é muito caro, uma vez que foram estabelecidos determinados laços afetivos e estamos intimamente ligados de tal forma que nos separar desse objeto, seja ele o ser amado, seja um correlato seu, nos causa uma profunda dor. A essa dor, ocasionada por tal separação, Násio (2007) chama de dor psíquica.

[...] a dor é o afeto que exprime na consciência a percepção pelo eu – percepção orientada para o interior – do estado de choque, do estado de comoção pulsional (trauma) provocado pelo arrombamento não do invólucro corporal do eu, como no caso da dor física, mas pela ruptura súbita do laço que nos liga ao outro eleito. Portanto, a dor de amar é uma dor traumática. (NASIO, 2007, p. 32- 33).

A análise de amor e de dor deve começar do pressuposto de que quem ama consequentemente uma hora sofre com sua separação, seja na ruptura através da morte ou distanciamento do ser amado, o sofrimento se inicia em consonância com o amor. A perda do objeto ao qual se foi destinado amor acarretará em consequências psíquicas e dessas consequências se vem a dor, essa dor deve ser exposta e vista como um objeto, como algo que existe e precisa ser encarada com sua devida importância. Tratar a dor apenas como algo fortalecedor ou formador de caráter e crescimento é inútil. É necessário viver e pulsar junto com a dor até que ela mesma se torne gasta. Tornar a dor como objeto é um dos pontos que o psicanalista mais realça. De acordo com Násio, a dor existe como outro sentimento e é necessário ser vivida para assim ser resolvida. Entretanto, estamos condicionados socialmente a não trabalhar nossos piores sentimentos e não temos consciência da importância de trabalhar as sensações mais sombrias e escondidas.

A ruptura do ser com o objeto amado desencadeia a dor que tem e deve ser vista como uma fase pós-relação e que deve ser tratada. É necessário viver o luto para assim não se transformar em luto patológico. O medo que assola quem é cometido pela dor de amar é achar que ter que se despedir do objeto amado levará com ele o sentimento antes sentido. Entretanto, é necessário que se entenda que a atenção e disposição destinada a algo/alguém existirá por toda vida independentemente de ele estar perto ou de distante de nós, o que se precisa trabalhar é um outro amor respeitando a existência do que já existiu. Sobre isso Násio diz “[...] a imagem do ser perdido não deve se apagar; pelo contrário, ela deve dominar até o momento em que - [...] - a pessoa enlutada consiga fazer com que coexistam o amor pelo desaparecido e um mesmo amor por um novo eleito. [...]”. Dar um sentido à dor não é enterrar ou torná-la esquecida, pois ela precisa ser vivida, assim como foi no amor, gastá-la em lágrimas e palavras para assim se ver no essencial do luto.

A dor da separação é uma dor psíquica. Ao nos vemos tão ligados a alguém, algum objeto ou a alguma parte do nosso corpo e subitamente isso nos é retirado por algo externo, nos vemos diante de uma dor que não podemos tocar, mas que nos leva a um extremo psíquico antes desconhecido. Vemo-nos, portanto, obrigados a reconstruir-nos tendo em vista que esse laço surge de nós mesmo. Criamos os laços que nos une ao objeto amado e nós saramos a dor deixada por essa perda. “[...] isso diz como o nosso inconsciente é o fio sutil que liga as diversas separações dolorosas da nossa existência.” (NASIO, 2007, p. 21).

Convém, todavia, ressaltarmos que a dor psíquica não é provocada exclusivamente pela perda de um objeto de desejo. De acordo com Násio (2007), a dor psíquica pode advir de outros três eventos que não apenas da perda do ser ou objeto amado. Tal dor por ser decorrente do abandono, isto é, da retirada súbita do amor do ser amado; da humilhação, ocasionada por um ferimento relacionado ao amor próprio; e da mutilação, ou seja, da perda de uma parte do corpo. Apesar de haver essas várias formas que ocasionam a dor psíquica, esta, em sua maioria, acaba sendo decorrente da dor de amar, tendo em vista que ela, conforme dissemos antes, só existe mediante a perda de algo a que éramos diretamente ligados e com o qual mantínhamos um laço afetivo que regulava a harmonia do nosso psiquismo. Assim, “uma vez que esse laço se chama *amor*, diremos então que *a dor só existe sobre um fundo de amor*”.

Quando a causa se localiza nessa encarnação de proteção do eu que é o corpo, qualificamos a dor de corporal; quando a causa se situa mais-além do corpo, no

espaço imaterial de um poderoso laço de amor, a dor é denominada “dor de amar.” [...] a primeira definição de dor de amar, como *o afeto que resulta da ruptura brutal do laço que nos liga ao ser ou à coisa amados*. (NASIO, 2007, p. 31)

É importante entender o sentido do que Násio chama de “A pessoa do amado”. Em todos os casos de dor de amor, seja por perda física ou psíquica, a origem inicial se deu a partir de uma ligação da pessoa com um ser híbrido. Nossa fonte de amor e apego iniciasse no sentimento que direcionamos a algo que existe e tem vida, “[...] a minha fantasia inconsciente só pode desabrochar se o outro estiver vivo.[...]” A perda de um membro me causa dor, porque ele já esteve vivo e foi uma parte que me causava prazer em sua função, a perda do objeto amado me leva a uma pulsação nervosa diferente da que antes ele me proporcionava, me atormentando e causando dor, porque antes todo meu psique se manifestava em tensões prazerosas provocada pôr a existência do corpo vivo do outro.

A dor corporal finda-se mediante a cicatrização do corpo, é momentânea, facilmente reconhecível e curável com possível uso de medicamentos que surtem efeito quase que imediato. Já a dor de amar causa um sofrimento interior e um desequilíbrio na psique do ser que ama. Antes o indivíduo se sentia seguro e protegido diante do laço de amor que mantinha com o objeto amado; agora, sente-se assolado por uma inquietude na alma, por um dilaceramento interior, como se algo tivesse sido quebrado e nada no mundo exterior fosse capaz de curar ou “remendar”. O sujeito acometido da dor de amar sente-se em frangalhos e é acometido de um vazio advindo da falta do amado no “espaço” que foi destinado a ele. Essa inquietude é provocada pelo rompimento do princípio do prazer, que é o que mantém o psíquico controlado mediante a presença do amado. É, pois, o princípio do prazer que rege o funcionamento psíquico e que controla os movimentos das pulsões. Com a perda do ser amado, a dor causa o caos nessas pulsões e motiva uma fuga total do princípio do prazer ocasionando essa dor incontrolável e todo o transtorno que o ser que ama vive:

a dor é o afeto que exprime na consciência a percepção do eu – percepção orientada para o interior – do estado de choque, do estado de comoção pulsional [...] provocado pelo arrombamento não do invólucro corporal do eu, como no caso da dor física, mas pela ruptura súbita do laço que nos liga ao outro eleito. Portanto, a dor de amar é uma dor traumática (NASIO, 2007, p. 32-33).

O processo da dor psíquica, ainda de acordo com Násio (2007), se divide em três etapas – a *ruptura*, em seguida a qual vem a *comoção* e, logo depois, por último, há a *reação*. A ruptura refere-se ao rompimento do eu que ama com o ser amado, a comoção está diretamente ligada com reação, uma desencadeia a outra, a comoção é a ação psíquica do eu

diante desse abandono que culmina em uma reação “defensiva do eu para rechaçar a comoção. Durante cada etapa, predomina um aspecto particular da dor” (NASIO, 2008, p. 14).

Assim, reiteremos que a dor de amar está diretamente ligada “[...] à perda brutal e irremediável do amado” (NÁSIO, 2007, p. 33). Essa perda é o que causa o caos no princípio regulador do prazer, originando, assim, o transtorno e a dor psíquica. Em suma o exercício de amar ocorre mediante uma necessidade do ser humano que parece ser inerente à sua vontade, não se escolhe a quem se amar, se ama e dedica-se amor aquele, ou aquela que de alguma forma regula nosso princípio do prazer. A ausência desse ser a quem se tem amor “desmantela” esse princípio, desencadeando um processo doloroso e difícil no psíquico do indivíduo que ama.

Como já dito, a dor psíquica, diferente da dor causada por um ferimento por exemplo, acontece sem ter tido ferimento externo, a qualquer tecido. Ela acontece de dentro para fora, na ruptura do laço entre o ser que ama e seu objeto de desejo. A essa dor denomina-se dor de amar, ao que Násio (2007, p. 31) define “[...] o afeto que resulta da ruptura brutal do laço que nos liga ao ser ou à coisa amada. [...]”. Quando se ama todo seu psíquico volta para produzir um princípio de prazer ao sistema nervoso. Seu corpo entra em uma exaltação e felicidade que parece infinda. Tudo em seu psíquico vibra por aquele amor. Cortar essa relação leva a um choque semelhante a uma agressão externa, porque o motivo inicial que gerava prazer é cortado, e você é cometido por um dilaceramento interno, algo que beira o desespero, tudo dói por dentro e vem-se uma sensação de desespero, a uma vontade de gritar, algo que sufoca seu interior e parece enlouquecer a mente. Você está tão acomodado à sensação boa trazida pela presença da excitação amorosa que ao ser retirado *aquilo* todo seu organismo sente, levando a um estado que beira a loucura. A dor de amar é, portanto, um afeto percebido como um trauma.

2.1 A dor de amar em quatro canções de Chico Buarque: uma leitura psicanalítica

Sendo a dor de amar traumática, é, de fato, como um trauma que ela é representada nas canções líricas de Chico Buarque, trauma este que correlaciona amar a sofrer, como se um, ao invés de antônimo, fosse, na verdade, sinônimo do outro. Nas canções escolhidas para este

trabalho, encontramos marcas do sofrer de amar, sofrimento este advindo, sobretudo, do abandono do ser a quem se ama. Todavia, em nosso *corpus*, o que vai distinguir uma canção da outra, conforme mostraremos mais adiante, é que as formas do eu lírico lidar com a dor de amar são distintas em cada uma das canções cuja letra reproduzimos logo a seguir:

Atrás da Porta

Quando olhaste bem nos olhos meus
 E o teu olhar era de adeus,
 juro que não acreditei
 Eu te estranhei, me debrucei
 Sobre o teu corpo e duvidei
 E me arrastei, e te arranhei
 E me agarrei nos teus cabelos
 No teu peito, teu pijama
 Nos teus pés, ao pé da cama
 Sem carinho, sem coberta
 No tapete atrás da porta
 Reclamei baixinho
 Dei prá maldizer o nosso lar
 Pra sujar teu nome, te humilhar
 E me vingar a qualquer preço
 Te adorando pelo avesso
 Pra mostrar que ainda sou tua
 Até provar que ainda sou tua.

Olhos nos Olhos

Quando você me deixou, meu bem,
 Me disse pra ser feliz e passar bem.
 Quis morrer de ciúme, quase enlouqueci,
 Mas depois, como era de costume, obedeci.
 Quando você me quiser rever
 Já vai me encontrar refeita, pode crer.
 Olhos nos olhos,
 Quero ver o que você faz
 Ao sentir que sem você eu passo bem demais
 E que venho até remoçando,
 Me pego cantando, sem mais, nem por quê.
 Tantas águas rolaram,
 Quantos homens me amaram
 Bem mais e melhor que você.
 Quando talvez precisar de mim,
 Cê sabe que a casa é sempre sua, venha sim.
 Olhos nos olhos,
 Quero ver o que você diz.
 Quero ver como suporta me ver tão feliz.

Como podemos observar, enquanto na primeira canção o ser que ama chega a todos os limites do sofrimento e da humilhação pedindo que o amado não o abandone; na outra, mesmo com a negação do amado em amar o eu lírico, este consegue dar a volta por cima e esquecer aquele a quem foi dedicado tanto amor. Em ambas, porém, amar e sofrer constituem uma equação cujo resultado é a dor.

Na música “Atrás da porta”, o título já configura a ideia de espera, pois aponta para alguém que está à espera de algo sentado por trás da porta. Isso pode remeter também ao drama de cenas em que a pessoa que ama se despede do amado batendo à porta e vai caindo em seguida, na velocidade que a porta se fecha, destruído(a) pela separação ocorrida. Na canção, a dor psíquica é resultante da humilhação e do abandono, tendo em vista que, no decorrer de toda a letra, o eu lírico se humilha ao ser amado na tentativa de evitar o abandono do outro de seu afeto, tentativa essa que se vai configurando-se como vã: “quando olhastes bem nos olhos meus/ e o teu olhar era de adeus/ juro que não acredite/ eu te estranhei/me debrucei sobre o teu corpo/ e duvidei/ e me arrastei e te arranhei”. É notório nesse trecho da canção, o desespero do eu lírico ante da situação de abandono iminente.

O eu lírico, que é feminino nas referidas canções, se arrasta diante do amado na tentativa de prendê-lo àquilo que ela acredita ser amor, ela, que no início da canção encontrava-se olho no olho com o amado, após o abandono começa a cair, a se baixar aos pés de quem ama. Primeiro ela o arranha, se agarra ao cabelo dele, vai baixando e cai aos seus pés ao pé da cama, totalmente submissa diante do ser amado, ainda mostra sua fragilidade, sua falta de amor-próprio e de cuidado na estrofe em que ela narra que cai “sem carinho/sem coberta/no tapete atrás da porta”, mostrando que está totalmente aniquilada e desprotegido na falta do carinho que o ser amado a dedicava e na ausência da ‘coberta’, que vem com um duplo sentido como proteção desse ‘objeto’ de amor para com ela. O “tapete atrás da porta” ainda vem reforçar a humilhação, tendo em vista que tapete significa lixo, sujeira, onde as pessoas limpam os pés. Toda a cena do último adeus acontece marcada pelo silêncio do ser amado.

A perda súbita do amado é, portanto, a causa do sofrimento, do desespero em que o eu lírico de “Atrás da porta” mergulha. O ser amado que deveria ser aquele que protegeria quem ama contra a dor é, todavia, quem motiva a dor, o sofrer, o convalescer, uma vez que, sentido como uma perda desencadeia na pisque de quem ama o caos das pulsões descontroladas, daí por que, para quem sofre com a dor de amar, o outro do seu afeto deve permanecer como

centro da energia psíquica, ainda que seja o centro para o qual o ser que ama e que, por isso, sofre investe os seus impulsos destrutivos.

Para corroborar o que dissemos, lembremos que nos últimos versos da canção o eu lírico afirma que mantém o outro como centro de contemplação ainda que seja pelo avesso: “te adorando pelo avesso/só pra mostrar que ainda sou tua”. Em outras palavras, o descontrole do eu lírico é tão grande que ele prefere acreditar que, machucando o ‘objeto’ amado, vingasse do abandono ao qual está sendo submetida. Todavia, essa atitude revela o quanto o sofrer de amor é decorrente da dificuldade de desvencilhar-se do objeto amado e, portanto, abrir-se para a contemplação de outro objeto, de escolher outro eleito.

Em “Olhos nos olhos”, a dor psíquica advém também do abandono provocado pelo ser amado. Todavia, ao contrário do eu lírico da canção anterior, o de “Olhos nos Olhos” tem uma reação diferente ante tal perda de objeto tão precioso, quando na primeira o eu feminino começa olhando nos olhos do amado e vai caindo diante dele, na segunda ela, que diante do abandono caiu em desespero, agora se vê olhos nos olhos, de igual para igual, com o ser a quem dedicou tanto amor e carinho. Comparado com o título da canção anterior, nessa o ser que ama olha o outro nos olhos, como leitura de sentimento e ideia de igual, se veem um no outro pronto e preparados para uma conversa franca, o fim da relação chega e o eu lírico feminino se vê disposta a passar por todo processo de despedida para assim se recuperar e ser encontrada refeita.

Na primeira estrofe o ser a quem foi dedicado amor vem a pessoa que ama pedir para que ela seja feliz sem ele, ela entra em desespero mediante o abandono, porém, “depois, como era de costume, obedeci.”. Daí a mesma consegue perceber que *essa* obediência em especial fez bem para si, pois, no percorrer do poema a mesma narra que se encontra refeita, podendo agora ficar cara a cara com aquele a quem antes esteve submissa e entregue, aquele que antes foi motivo da dor de abandono do eu lírico. Nessa segunda canção o abandono é aceito como uma forma de mudar de vida e de situação, embora o eu sinta a ausência do amado, afirmando que quase enlouqueceu. Todavia, conseguiu trabalhar tal perda de maneira que lhe foi possível encontrar outros objetos de desejo: “Tantas águas rolaram/quantos homens me amaram/bem mais e melhor que você”, embora o primeiro objeto de desejo tenha permanecido gravado na memória.

Nesse sentido, lembremos, conforme ensina Násio (2007), que “[...] A imagem do ser perdido não deve se apagar; pelo contrário, ela deve dominar até o momento em que – [...] – a

pessoa [...] consiga fazer com que coexistam o amor pelo desaparecido e um mesmo amor por um novo eleito. [...]” . É justamente essa a postura que o eu lírico de “Olhos nos Olhos” assume; tendo perdido o seu objeto de desejo, o eu poético, no lugar de ficar alimentando-se da dor da perda, abriu-se para a possibilidade de ter outro eleito, ainda que o primeiro não tenha ficado, de todo, esquecido: “Quando talvez precisar de mim/você sabe que a casa é sempre sua/venha sim”.

Meneses (2001) afirma que “Chico Buarque sempre foi reconhecido como um dos poetas que mais sensivelmente captam o feminino e o exprimem, [...] Em sua lírica entranhadamente corporal, emerge o ser e a fala da mulher, de uma perspectiva por vezes espantosamente feminina” (s.p.). Essa capacidade do autor de exprimir o feminino é claramente perceptível mediante suas obras musicais femininas, onde é possível perceber a evolução da mulher e seu comportamento diante da sociedade que vive.

Em “Atrás da porta”, canção de 1972, a mulher está à mercê das decisões e sentimento do homem e diante do seu abandono se vê totalmente perdida e sem rumo; em “Olhos nos Olhos”, de 1978, encontramos um eu lírico mais decidido e forte, ela surge conseguindo resolver e viver sem precisar daquele a quem se dedicou posteriormente. Mesmo sendo canções da mesma década, já é possível perceber a evolução do eu feminino nessas canções, onde a mulher deixa de ser passiva nas decisões de um relacionamento e passa a ser ativa mediante um abandono, tendo voz e ação. A dor de amar ainda existe, porém com resultado diferente. Podemos assim comprovar que a dor de amar passa a ser a ausência do ser que ama, em perspectivas diferentes e com reações inversas também em ambos poemas comprovando a teoria de Násio de que um amor não precisa sumir para se viver outro, o luto deve ser vivido e um novo escolhido vir respeitando os sentimentos já existentes anteriormente a nova relação, dessa forma vivendo a dor da perda em todas as suas etapas.

O que podemos perceber mediante essa análise é que a dor de amar parece está diretamente ligado ao eu feminino, é como se a condução do sofrer o abandono estivesse ligado à mulher, o homem não sofre, quem sente a perda e quem mais dedica amor na relação é a mulher. Mesmo diante dessa evolução do feminino no cancionário buarquiano, ainda encontramos uma mulher que ama mais que o homem, porém, com o passar do tempo, tem como reação, mediante o abandono do amado, mulheres vingativas, decididas e fortes, mulher que crescem de dentro para fora, e conseguem exteriorizar a sua recuperação. Esse processo

pode-se dizer, como chama Meneses (2001) o afloramento da mulher, “que resolve sair da janela e viver a vida [...]” (p. 93)

Nas duas canções podemos encontrar o que Násio (2007) chama de processo da dor psíquica, em que se divide em três tempos, começando com a ruptura, em seguida vem à comoção e finda com uma reação. A ruptura refere-se ao rompimento do eu que ama com o ser amado, a comoção está diretamente ligada com reação, uma desencadeia a outra, a comoção é a ação psíquica do eu diante desse abandono que culmina em uma reação “defensiva do eu para proteger-se da comoção.” (NASIO, 2007, p. 25) Cada uma dessas etapas estão diretamente ligada a uma resposta da dor e pode ser encontrada nos poemas buarquianos.

Em “Atrás da porta” e “Olhos nos Olhos” a ruptura dar-se devido ao abandono do ‘objeto’ amado para com o eu feminino, já a comoção e reação dar-se de diferente forma nos poemas. No primeiro poema a comoção acontece com o sofrimento do eu lírico diante do abandono e a reação desse sofrimento é a humilhação desse eu poético diante da imagem de quem ama, ela chega a afirmar que não se pertence mais “só pra mostrar que ainda sou tua”, fará de tudo para mostrar ao ‘objeto’ amado que é dele por completo e que usará de todos os artifícios possíveis para que ele não a deixe, essa ação é considerada como reação no processo da dor psíquica. O que diferencia esse método em “Olhos nos Olhos” é a comoção e reação do eu poético diante da ação do abandono, aqui o papel inverte-se, agora o eu lírico, mesmo diante do abandono, aceita a partida do amado, tendo como reação a volta por cima, e agora encontra-se levantada do chão, no mesmo nível do homem refeita daquele sofrimento causado por ele.

Por fim, o que podemos contatar nessa análise que a dor de amar está diretamente ligada “a perda brutal e irremediável do amado” (NÁSIO, 2007, p. 33). E que essa perda é o que causa o caos no princípio regulador do prazer, originando assim o transtorno e a dor psíquica. O que diferencia essa dor de amar nas canções de Chico Buarque estudadas até então é a reação do eu feminino diante do abandono do amado. Em ambos a motivação da dor dá-se pelo abandono do “objeto” a quem foi dedicado amor e carinho, porém, o que diferencia essa dor de abandono é o comportamento de ambas mediante essa ação. Enquanto a primeira não se conforma com o adeus do amado, e tenta de todas as formas o prender aquilo que ela acredita ainda ser amor, a segunda aceita o adeus do ‘objeto’ amado e vai tentar refazer sua vida sem aquele a quem ela acreditava ser a razão de tudo, até descobrir que conseguia

encontrar outros homens que a amasse bem mais e melhor que o primeiro. Assim, podemos contatar a evolução feminina através de um olhar masculino que supervaloriza a ação e dedicação da mulher para com seu ser amado.

Vamos agora analisar uma outra canção que mostra o eu lírico diante da dor do luto e seu comportamento:

Pedaço de mim

Oh, pedaço de mim
Oh, metade afastada de mim
Leva o teu olhar
Que a saudade é o pior tormento
É pior do que o esquecimento
É pior do que se entrevar

Oh, pedaço de mim
Oh, metade exilada de mim
Leva os teus sinais
Que a saudade dói como um barco
Que aos poucos descreve um arco
E evita atracar no cais

Oh, pedaço de mim
Oh, metade arrancada de mim
Leva o vulto teu
Que a saudade é o revés de um parto
A saudade é arrumar o quarto
Do filho que já morreu

Oh, pedaço de mim
Oh, metade amputada de mim
Leva o que há de ti
Que a saudade dói latejada
É assim como uma fisgada
No membro que já perdi

Oh, pedaço de mim
Oh, metade adorada de mim
Lava os olhos meus
Que a saudade é o pior castigo
E eu não quero levar comigo
A mortalha do amor
Adeus

Inicialmente, identificamos no título da canção que o eu lírico foi afastado de uma parte de si, um pedaço pelo qual se tinha muito amor. Assim ele narra, durante toda a letra da música, seu clamor em que sua metade arranque dele a dor provocada pela saudade, esse sentimento que nasce da angústia de não mais ter o que se teve em um passado não

necessariamente remoto. A dor descrita em cada estrofe ilustra para o leitor a reação doída do envolvido em uma despedida que aconteceu sem espera, sem um comunicado anterior. Que suponhamos tenha vindo através da morte. “Oh metade afastada de mim”, algo que o foi tirado sem prévia comunicação e que lhe causa profundo pesar. O eu lírico segue intitulando sua dor como saudade e tentando compará-la com possíveis sensações já sentidas. Em cada estrofe, inúmeras são as metáforas que procuram concretizar a dor sentida pelo eu lírico, como se dizer que ela fosse saudade não fosse o suficiente. Por isso, é preciso dizer que, em sendo saudade, essa dor sentida, doída é “uma metade arrancada”, é “o revés de um parto”, é “arrumar o quarto do filho que já morreu”, é “como uma fígada no membro” que já se perdeu. Enfim, a saudade, invólucro da dor de amar, é o pior tormento porque representa o limite entre o eu lírico e a imagem do objeto amado ainda vivo. Por isso, ao dizer da saudade como dor, o eu lírico, ao longo do texto seu sofrimento, fala da construção de um mundo de dor e decepção assentado no amor.

Esse método de atribuir valor à dor e a transformar em símbolo Násio (2007) já defende como necessário para através desse processo de materialização ser “[...] enfim o único gesto terapêutico que a torna suportável” (NASIO, 2007, p. 19). A dor em si não tem nenhum valor, até que o sujeito que a sente externá-la e em um processo de fala e comparação tratá-la e poder torná-la suportável. Assim segue o eu lírico clamando a “metade afastada” que “[...] leve o teu olhar, [...] leve os teus sinais, [...] leve o vulto teu [...], leve o que há de ti [...]”. Todos esses objetos psíquicos lhe causam dor igualmente a se entrevar, a uma mãe que perde um filho, a um barco que não quer atracar. “[...] A pessoa amada é para o eu tão essencial quanto uma perna ou um braço. Seu desaparecimento é tão revoltante que o eu ressuscita o amado sob a forma de um fantasma” (NASIO, 2007, p. 44). Seu sofrimento é tanto que ele compara sua dor a dor de um membro que não existe mais, mas que ainda pulsa: “Que a saudade dói latejada/É assim como uma fígada/No membro que já perdi”. Tal semelhança lhe acomete devido ao que chama Nasio de “alucinação do membro fantasma”. O eu guarda no seu psíquico o que podemos chamar de banco de imagens, onde estão guardadas todas as informações que temos das coisas que nós rodeia. Ao perder umas dessas coisas, como compensação, o eu superinveste na imagem daquele objeto perdido, fazendo com que nosso consciente continue reproduzindo a presença daquilo que não temos mais:

Digamos que a impressionante afinidade entre essas duas alucinações fantasmáticas mostra ainda o quanto a pessoa amada é, na verdade, um órgão

interno do eu tão essencial quanto podem ser uma perna ou um braço. Só posso alucinar essa coisa essencial, cuja privação transtorna o funcionamento normal do meu psiquismo.[...]” (NÁSIO, 2007, p. 45).

A próxima canção vem novamente com a temática de despedida, porém, diferente do anterior, o eu aqui se mostra mais disposto a sair da fossa da dor sentida na despedida, vejamos:

Trocando em miúdos

Eu vou lhe deixar a medida do Bonfim
Não me valeu
Mas fico com o disco do Pixinguinha, sim!
O resto é seu
Trocando em miúdos, pode guardar
As sobras de tudo que chamam lar
As sombras de tudo que fomos nós
As marcas de amor nos nossos lençóis
As nossas melhores lembranças
Aquele esperança de tudo se ajeitar
Pode esquecer
Aquele aliança, você pode empenhar
Ou derreter
Mas devo dizer que não vou lhe dar
O enorme prazer de me ver chorar
Nem vou lhe cobrar pelo seu estrago
Meu peito tão dilacerado
Aliás
Aceite uma ajuda do seu futuro amor
Pro aluguel
Devolva o Neruda que você me tomou
E nunca leu
Eu bato o portão sem fazer alarde
Eu levo a carteira de identidade
Uma saideira, muita saudade
E a leve impressão de que já vou tarde.

Aqui podemos identificar uma tentativa do eu lírico de uma possível superação do desconforto sentido pela perda do objeto amado e com quem provavelmente dividiu vida e casa. O próprio título do poema deixa entrever um possível acerto de contas entre as partes apaixonadas. Ao decorrer da letra dessa música, o eu lírico vai deixando claro o fim da relação quando, em seu discurso, entram elementos que conotam a ideia de uma vida íntima que não mais existe, se desfez e a canção é uma espécie de acerto de contas em que cada um dos envolvidos diz o que lhe cabe de “herança” da relação desfeita intimidade, daí por que diz que fica “o com o disco do Pixinguinha” ou pede que lhe “devolva o Neruda que você me

tomou e nunca leu”. Ainda como forma de burlar a dor que sente nessa despedida, o eu lírico afirma que não sofrerá porque não dará “o enorme prazer de me ver chorar”, porém se contradiz quando afirma estar com seu “peito tão dilacerado”, momento que se deixa ver frágil pelo outro a quem quer esconder a dor e a quem tanto amou. No embate entre a dor de amar e a consciência da perda do ente amado, a quem parece se amar mais ainda quando esse ente não mais existe, o eu lírico manda o outro aceitar uma “ajuda do seu futuro amor pro aluguel”, prova mais que viva de toda raiva e dor deixada na despedida, porém narrada com ar irônico para assim não transparecer seu sofrimento.

As últimas estrofes dessa letra vêm para fortalecer a ideia de despedida. Mostra o fim de uma relação, ocasião em que o que se despede leva a carteira de identidade, vai embora silenciosamente para não chamar atenção dos vizinhos, levando “uma saideira, muita saudade e a leve impressão de que já vou tarde”. Nesse caso, quem parte sai da casa levando apenas o que é seu e tendo a sensação que aquele amor já acabou e ele está saindo dali tarde demais. Essa negação também é uma característica e forma de tratar a dor psíquica através da exposição dos sentimentos sentidos. Negar seu amor é uma forma encontrada pelo eu lírico de tratar de dentro para fora a dor sentida na despedida. Negar é ainda afirmar a importância do amor sentido, mas, nesse processo, negar é uma das primeiras reações ante o processo de aceitação de que o que foi já não mais é, já não mais nos pertence, a não ser como perda, dor, saudade.

O que diferencia a dor de amar de “Pedaço de mim” e de “Trocando em miúdos” é que na primeira cantiga o objeto amado parece ter sido retirado do ser que ama de forma brutal e inesperada, já na segunda canção, notamos que não houve uma separação abrupta, mas que ela aparenta ter sido acordada pelo eu lírico que ama e o outro de seu afeto. Porém, em ambas as músicas, a dor psíquica é causada por um objeto que foi eleito para ser o “nosso” centro dos desejos. Os dois são objetos eleitos que equilibram o campo das pulsões de prazer no inconsciente. Porém nos acostumamos tanto com essas bases como nosso princípio do prazer que só percebemos a importância dela ao nos vermos sem elas. “[...] é unicamente quando somos ameaçados de perdê-los, ou depois de tê-los perdidos, que a sua ausência revela dolorosamente a profundidade desse enraizamento.” (NASIO, 2007, p. 51).

Por fim, gostaríamos de acrescentar que o que podemos perceber é que, no corpus escolhido, na óptica de Chico Buarque, a dor de amar parece está diretamente ligado ao eu feminino, é como se a condição de sofrer o abandono estivesse ligada à mulher, o homem não

sofre, quem sente a perda e quem mais dedica amor na relação amorosa é a mulher. Todavia, isso se nos afigura como uma hipótese para prosseguirmos com presente a pesquisa em outro momento.

3 CONCLUSÃO

A conclusão que tiramos das análises aqui registradas é a ligação direta das personagens femininas na ruptura com o ser amado e a dor causada por tal desligamento. Em todos os registros musicais, vemos que as mesmas parecem sofrer e ter suas vidas modificadas ao se depararem sem o objeto a quem dedicaram amor e vida. Até na terceira canção, “Pedaço de mim”, onde essa comoção foi evidentemente causada pela morte, encontramos o ser que ama totalmente inerte à dor que agora toma conta de sua vida.

Sobre dor de amar, percebemos também, no registro das canções, que é uma ação que torna o eu lírico frágil e no limite de sua sanidade, como na canção “Atrás da porta”, na qual o ser que ama se coloca prostrada aos pés do amado e se põe ao ponto de trocar de papel como prova de ainda pertencer ao outro. Em todas as canções, como forma de contrapartida, uma música vem em resposta da outra, mostrando as facetas do autor em demonstrar ao mesmo tempo força e a fragilidade da mulher diante de uma ruptura, enfatizando ainda mais a riqueza poética das canções de Chico Buarque.

Por resumo o que podemos constatar, em nossa análise, é que a dor de amar está diretamente ligada “à perda brutal e irremediável do amado” (NÁSIO, 2007, p. 33). E que essa perda é o que causa o caos no princípio regulador do prazer, originando, assim, o transtorno e a dor psíquica. O que diferencia essa dor de amar nessas canções por nós analisadas é a reação do eu feminino diante do abandono do amado. Entende-se ser amado nas canções como pessoa física. Em todas as letras de música, percebemos que o ser a quem foi dedicado amor existiu e propôs a quem ama sensações de prazer quando estava por perto. O princípio de dor foi desencadeado a partir da ruptura de um ser híbrido que existiu e construiu história na vida do eu lírico. Násio (2007) afirma que “A pessoa do amado é ao mesmo tempo um corpo vivo dardejando excitações para o meu desejo e uma presença misteriosa que se imprime no meu inconsciente.”

Até mesmo o luto é provocado pela ruptura dessa fonte de desejos e excitações do amante e do amado. Nas quatro canções podemos constatar que a dor de amar se deu primordialmente provocada por essa ruptura do princípio do prazer do ser vivo que lhe

causava amor. O que vem a diferenciar cada canção é a reação do ser que ama a essa ruptura. Em cada uma das canções, o eu lírico se transforma diante da despedida, a partir de comportamentos emocionais distintos.

Por fim, pode-se afirmar que a perda do amor leva o ser que ama à muralha que o separa da sanidade e loucura. O estado de dor extrema dá ao eu lírico uma sensação de esvaziamento e solidão. Os impulsos de exaltação que antes dominavam a psique do amante caem descontroladamente e o levam a todos os limites. A dor sentida é extrema, parece ser como um órgão retirado em carne viva. Temos mostrado aqui duas contrapartidas da reação dessa perda, e tendo o eu lírico como mulher, desfaz a ideia de fragilidade assimilada ao eu feminino, e aponta para a possibilidade de reconstrução de vida mesmo quando achamos ser aquele o último amor, a última fonte de prazer, o último objeto que seríamos capazes de oferecer a nossas pulsações prazerosas. Viver o luto é necessário, sair dele mais ainda. Podemos construir novos amores, novas vidas e conviver com a lembrança daquilo que nós foi tirado, posto fim. A cicatriz do antigo amor pode conviver com as boas sensações trazidas pelo novo, afinal, para encerrar com os versos daquele que nos motivou a compreender e a buscar saídas para as nossas dores de amor: “tantas águas rolaram, e quantos homens me amaram, bem mais e melhor que você.”.

ABSTRACT

This study proposes an analysis of four lyrics written by Brazilian composer Chico Buarque de Holanda, being those: “Olhos nos olhos”, “Atrás da porta”, “Pedaço de mim” and “Trocando em miúdos”. In the light of psychoanalytic studies, more specifically referring to Juan-David Násio, Georg Simmel and Igor Caruso, it is aimed to analyze, within the chosen scope, the consortium between pain and love. This work is aligned with other explicative and bibliographic research. The scope analysis follows explicative research practice. Results unveil the fact that love and pain become complimentary peers to the lyrical subject in the lyrics studied and spot on both place and consequences of love pain within home, causing diverse patterns of actions and behaviors while facing the same event: the loss of the loved object.

Keywords: Love Pain. Lyrics. Chico Buarque.

REFERÊNCIAS

CARUSO, Igor A. **A separação dos amantes**: uma fenomenologia da morte. São Paulo: Diadorim: Cortez, 1989.

COLASANTI, Marina. **E por falar em amor**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.

NASIO, Juan-David. **A dor de amar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007.

ROUGEMONT, Denis de. **História de amor no ocidente**. São Paulo: Ediouro, 2003.

SILVA, Marcelo Medeiros da. O exercício da dor de amar em *Cartas Portuguesas*, de Mariana Alcoforado. In: MEDEIROS, Aldinida (org.). **Travessias pela literatura portuguesa**: estudos críticos de Saramago a Vieira [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2013, p. 175-205.